CRASE

#22
Agosto - 2012

Ano 3 - 22º Edição - Agosto - 2012

Beach Tennis
Os Nossos Campeões Anônimos

Nelson Rodrigues
Cem anos do Anjo Pornográfico

Maracanã
O Coliseu da Atualidade

LEIA MAIS,
VÁ À BIB
DA SUA
O BRASILEIRO QUE
E O BRASIL C
REVISTA
CRASE
Apoia esta ideia.

SEJA MAIS.
BLIOTECA
CIDADE.
LÊ CRESCE MAIS.
RESCE JUNTO.
MINISTÉRIO DA CULTURA
Fundação BIBLIOTECA NACIONAL
Ministério da
Cultura
GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

índice

Escolha e clique na matéria desejada.

p. 08 Editorial

p. 10 A Literatura Esportiva

p. 14 100 ANOS NELSON RODRIGUES

p. 18 INVICTUS

p. 24 *Os Nossos Campeões Anônimos*

p. 38 ESPORTE MUSICAL

p. 44 **Gecko**

p. 46 MARACANÃ O COLISEU

p. 52 **Eles Disseram**

REVISTA CRASE

DIRETORIA

Direção-Geral: Dans Souza

Diretor de Redação: Rafael Farah

REVISTA CRASE

Coordenador de Produção: Bruno Buhr

Redatores: Amanda Guerra, Cadu Senra, Clarissa Affonseca, Deborah Pinheiro, Leonardo Alves, Leandro Bertholini, Patricia Teles, Renan Alves, Ramon Lourenço, Vanessa Vieira, Vinícius Baião

Produção: Nicolas Dani

ARTE

Diretor de Arte e Diagramação: Dans Souza

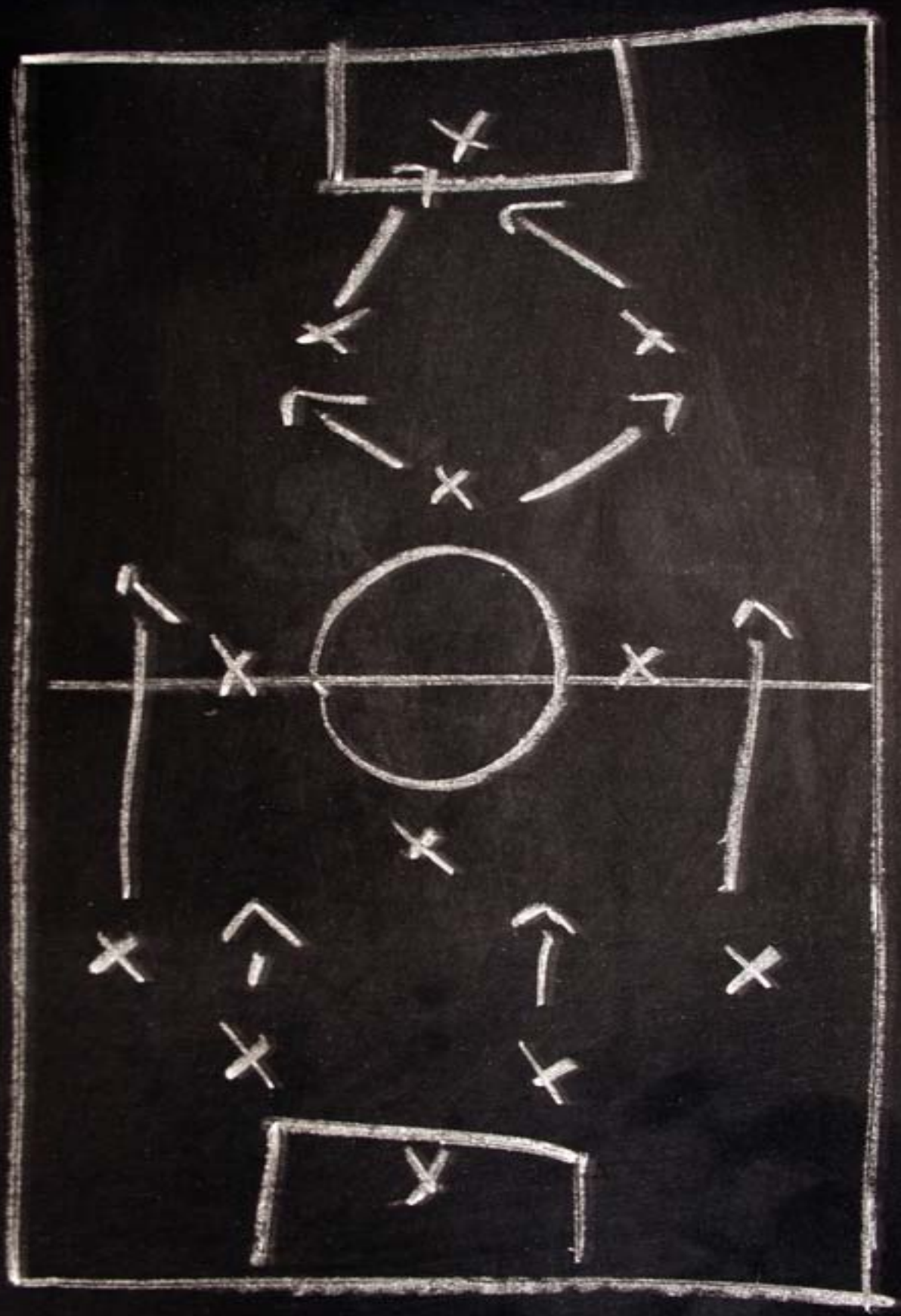
FOTOGRAFIA

Editor: Diego Val

Fotógrafos: Caio Pagin, Leonardo Ferreira, James Donahue

INTERNET

Webmaster: Dans Souza



Editorial

Na vigésima segunda edição da Crase resolvemos fazer algo diferente do usual. Enquanto normalmente não damos nosso parecer sobre esportes - devido ao grande número de veículos especializados no assunto - desta vez aventuramo-nos a dividir a ótica da revista sobre o mundo desportivo.

Seguindo o lema da revista, vamos abordar aspectos e modalidades esportivas que muitas vezes são deixados de lado, quiçá empurrados para baixo dos caros tapetes da imprensa míope que insiste em monopolizar seus espaços editoriais com toda sorte de publicações sobre futebol. Talvez este esporte tenha recebido a alcunha de paixão nacional justamente pela falta de informação sobre outros desportos.

De fato o esporte representa uma parábola da vida. O percurso trilhado por todo atleta é cheio de percalços, dores, decepções, frustrações, objetivos frustrados e alcançados contrastados pelos parcos, efêmeros e inebriantes momentos do pódio onde todo o reconhecimento pelo suor, esforço e trabalho duro são recompensados e fazem emergir

a sensação de que valeu a pena. Infelizmente, como mencionei anteriormente, poucas das joias brasileiras são exibidas no mainstream midiático dos trópicos, então é com prazer que estampamos Vinicius Font na capa desta edição. Em 9° lugar no ranking mundial de Beach Tennis, Vinicius é um dos muitos diamantes desprezados pelos meios de comunicação.

Mas Vinicius é a cereja do bolo. E como todo confeito, a revista é feita de diversas outras camadas. Levamos o prisma craseano também para nossas outras vertentes, como a analogia feita com nosso querido Maracanã ao suntuoso e arcaico Coliseu, o preconceito para com a literatura esportiva e as obras do grande Nelson Rodrigues, que sempre foi tarado por futebol.

Espero que gostem da nossa tentativa de "desestigmarizar" o mundo dos esportes e mostrar sua relevância cultural, que sem a menor dúvida vai muito além do campeonato brasileiro.

Rafael Farah

A Literatura Esportiva

Por Amanda Guerra

Sempre existiu um preconceito em relação a livros de esportes no Brasil. Talvez porque brasileiro não goste de esportes. Nem de livros.

O fato é que a aqui, tradicionalmente falando, se discute futebol. Veja, não se entende, assiste ou admira. Discute-se. E também costumeiramente livros são produzidos não por deleite artístico, mas para satisfazer egos desinformados e criar especialistas de última hora.

Já chegamos a fingir que gostávamos de Fórmula 1, tênis e MMA, mas depois descobrimos que gostávamos mesmo de Ayrtons, Gustavos e Andersons. E para cada fenômeno-paixão-nacional da semana, uma enxurrada de volumes editoriais lotava as prateleiras. Claro, encalhando. Afinal, pouco importam os bastidores políticos ou a história do esporte. A cultura que circunda as manifestações desportivas ao longo dos séculos também de nada serve. A gente quer é impressionar. Quer mostrar que sabe mais que o outro, que entende mais do seu time e do time do outro. E pra isso, geralmente jornais baratos são suficientes.

Mas com os Jogos Olímpicos de Londres e

o Brasil sediando as próximas e a Copa, instantaneamente voltamos a procurar os livros sobre o assunto. A ideia é compartilhar toda a nossa sapiência recentemente adquirida e humilhar o amiguinho. Bem, em clima de Olimpíada, até que a ideia não é tão ruim assim. Não é esse mesmo o objetivo, desde os gregos?

Então, por algum tempo, vamos comprar livros pra dar de presente. Livros com fotos, histórias e explicações absurdas. Mas ler mesmo nós não vamos. Estaremos ocupados vendo a novela, que é rapidinha, pra ver o jogo depois. Porque esporte é futebol. E o que importa no final do dia – ou da vida – é saber quem ganhou aquele campeonato em 87. Ou quem deveria ter sido escalado no jogo de ontem. O que importa, no final das contas, é ser ouvido. Mesmo que não se tenha nada a dizer.

O futebol é ópio. E livros são cura. Não é tão fácil assim unir as duas coisas. ■

Créditos

Desenho: Fernando César Bastos - Guaramirim

UM DIA, NOSSO FILHO VAI JOGAR NA SELEÇÃO!
DEPOIS TEM SOBREMESA!!

100 ANOS NELSON RODRIGUES

Mostra celebra centenário de um dos maiores dramaturgos do Brasil.

por Leandro Bertholini

Em meio à cobertura dos jogos olímpicos e exacerbação da malha esportiva do nosso país, teríamos poucos motivos para celebrar o apagar das chamas da pira londrina, se não tivéssemos em nossa cultura um representante dramatúrgico ilustre e centenário: Nelson Rodrigues. Desportista fervoroso e torcedor fanático do Fluminense Futebol Clube, agremiação sobre a qual escreveu textos memoráveis, Nelson, se fosse vivo, completaria cem anos de idade no mesmo mês em que as Olimpíadas chegarão ao fim.

Nelson Falcão Rodrigues nasceu na cidade de Recife (PE), no dia 23 de agosto de 1912. Logo aos 13 anos, começou a trabalhar no jornal do pai, Mário Rodrigues, como repórter policial. A habilidade de redigir textos teatrais foi descoberta por acaso, pois a atividade serviria apenas para complementar a renda. Um dos nomes que mais influenciou a produção cultural brasileira; foi o responsável por inúmeras peças, romances e uma infinidade de contos e crônicas – muitas delas dedicadas ao futebol. Todo esse material refletia de maneira inteligente e ousada os valores da classe média urbana. Dono de um talento singular utilizava

uma linguagem capaz de atingir todos os públicos.

É claro que toda data comemorativa deve ser celebrada com rigor quando a motivação é um centenário e, se pensarmos na notoriedade da obra "Rodrigueana", os motivos sobram. Quem quiser curtir a festa e conhecer um pouco mais da obra de Nelson poderá conferir, durante todo o mês, o festival "A Gosto de Nelson", que vai trazer uma vasta programação do repertório de um dos maiores dramaturgos do Brasil nos principais teatros do Rio. A mostra leva ao público as 17 peças escritas pelo "anjo pornográfico" – maneira como a imprensa da época o definia. O festival acontece até o dia 31 de agosto.

As peças serão apresentadas sempre às 19h e têm montagens de

grupos e companhias de todo o Brasil, que foram selecionados por meio do edital Prêmio Funarte Nelson Brasil Rodrigues: 100 Anos do Anjo Pornográfico. Os ingressos têm preços populares: R$ 5 a inteira e R$ 2,50 a meia-entrada. "Ao realizar esta mostra, a Funarte teve como desafios retratar Nelson não somente como escritor, mas como ser humano. Um dos maiores nomes da dramaturgia nacional, ele muito contribuiu para a nossa cultura e é fundamental que sua obra chegue também às novas gerações", diz o ator Antonio Grassi, presidente da Funarte.

Fazem parte da programação espetáculos memoráveis como Vestido de Noiva; A Serpente; Viúva, Porém Honesta; Álbum de Família, entre outros. Confira a programação completa no site. ■

INV

ICTUS

O ESPORTE COMO COLA SOCIAL

por Marcel Romero

Aproveitando o clima de jogos olímpicos, relembremos o brilhante filme de 2009, dirigido pelo genial Clint Eastwood e estrelado por Morgan Freeman como Nelson Mandela e Matt Daemon, como o capitão do time nacional de Rúgbi. O contexto do filme se dá na África do Sul no início dos anos 1990, liderada pelo recém liberto e recém empossado presidente, Nelson Mandela.

Após passar 27 anos encarcerado como preso político, ele teria um desafio que pare-

cia impossível de ser superado quando vislumbrado por mentes comuns. Diante de um país onde os contrastes social e racial eram enormes e, o ódio entre as duas principais classes era crescente e muito presente, este grande líder estava pronto para perdoar seus algozes e dar o exemplo de amor ao próximo ao seu povo, que mais do que nunca precisava de união.

Enxergou na Copa do Mundo de Rúgbi a oportunidade para unir sua nação em prol de um bem maior, que eles próprios jamais poderiam imaginar: unir o branco e o negro, o pobre e o rico; abraçando-se para torcer por uma seleção que os representava como a uma só grande família de 42 milhões de pessoas como se o ódio entre eles nunca houvesse existido.

A partir deste momento, um só povo passou a existir, reinventado e pronto para construir sua história. Apesar de parecer bem óbvio, e talvez fácil de lembrar pelos que estavam vivos, o final do filme não será abordado neste texto, para preservar a essência do filme enquanto experiência cinematográfica e lição de vida. Ele é não apenas exemplo da genialidade de um homem, como uma experiência em si e uma demonstração de como

pode-se criar oportunidade a partir da crise.

Impossível não nos lembrarmos de que estamos às "vésperas" de sediar eventos esportivos de grande porte e nível internacional em nossas terras. Assim como os Sul-africanos, o povo brasileiro é essencialmente uma colcha de retalhos de onde cada pedaço veio de lugar e época diferentes um do outro e, ao contrário do filme, encontraram aqui uma oportunidade de

serem felizes. Os primeiros a chegar começaram uma festa ininterrupta que foi se renovando e se reincorporando a cada novo povo que chegava.

Por aqui, mais importante do que termos ordem, saúde ou educação é ter festa e se divertir. Afinal nós nunca tivemos um grande mal comum a todos. Pelo menos não tão aparente. Talvez com a vinda em massa de visitantes estrangeiros, torcendo contra nosso sucesso nos eventos olímpicos em nossas próprias terras, consigamos nos comportar mais como irmãos de pátria e menos como desconhecidos em uma festa.

Talvez a mente brilhante de um líder, como foi Mandela, consiga fazer com que nossa atitude diante das urnas esse ano seja mais positiva. Talvez esse seja nosso ponto de partida e nossa oportunidade de botar ordem na casa para finalmente conseguirmos pleitear tantas coisas básicas que nos faltam, e das quais reclamamos há tanto tempo.

Faça sua parte. Tenha atitude. Lembre-se do querido mestre "Madiba".■

Os Nossos Campeões Anônimos

por Bruno Buhr

DRANIX
Orgulho de ser brasileira

Poucos já ouviram falar, mas quem passa pelas areias de Ipanema com um olhar mais atento pode perceber que uma nova modalidade esportiva se espalha com razoável rapidez: o Beach Tennis, que surgiu na década de 80, na Itália, mais precisamente na província de Ravena, e se tornou popularíssimo por lá, contando com milhares de praticantes, não é a toa que os italianos possuem a hegemonia do Beach Tennis.

No Brasil, embora o esporte só tenha chegado em 2008, já encabeçamos a lista dos melhores do mundo com a atleta Joana Cortez que ocupa a 7° posição no ranking da ITF. No masculino o atleta Vinicius Font está atualmente na 9° posição, e é tratado como superstar do esporte em Aruba, uma das principais sedes das mais importantes etapas do circuito do Beach Tennis. Assina uma linha de raquetes da marca Dranix, que carrega a imagem da bandeira do Brasil pelo mundo. Em 2011, ganhou o Oscar da modalidade como melhor jogador internacional junto com Joana Cortez que também ganhou o mesmo prêmio na categoria feminina.

Mas como não conhecemos estes atletas e suas impressionantes conquistas? Disputar as atenções de jornais, programas e revistas com o monopólio que o futebol exerce sobre todas as publicações e produções especializadas é tarefa árdua.

Existe uma luta silenciosa travada por estes atletas pela divulgação deste esporte, luta esta que é a realidade entre outros tantos atletas. A falta de incentivo estatal - que afeta desde as divisões de base até atletas de ponta - reflete na claudicante e apagada campanha olímpica que só não é pior porque por trás deste intrincado e triste pano de fundo que ilustra as dificuldades vividas pelos nossos heróis, existem a força de vontade, o desejo de superação e garra que impulsionam estes atletas rumo ao topo, à meta traçada, ao ouro, à prata e ao bronze.

Em entrevista para a Revista Crase Vinicius Font conta um pouco sobre sua trajetória, as alegrias, conquistas, expectativas e dificuldades deste novo e promissor esporte que promete tomar as areias das principais orlas do mundo.

Revista Crase

Vinicius para quem não sabe, o que é o Beach Tennis?

Vinicius Font

Esse esporte que surgiu nas areias de Ravena, na Itália, é uma variação do Tennis. Tem o mesmo sistema de pontuação, mas o jogo se torna diferente pela própria ambientação. Para começar, o clima é bem diferente, mais descontraído, quanto às suas características, temos a areia que obviamente impede o quique, então o Beach Tennis se torna um jogo muito

mais aéreo. Outros pontos importantes que influem bastante no jogo estão na altura da rede, no tamanho da quadra, no tipo de bola mais macia e na raquete bem diferente da conhecida no Tennis tradicional.

CRASE – Você é um atleta que veio do tennis tradicional. Como foi essa transição do saibro?

Vinícius – Para mim toda esta mudança foi tão inesperada quanto natural. Cresci no clube Novo Rio no Recreio dos Bandeirantes tendo suas 8 quadras de Tennis como meu quintal. Tive a oportunidade de jogar fora do país e no final de 2008 um antigo professor meu, Hugo Prazeres, me convidou para jogar esse esporte novo. Foi amor à primeira jogada. Achei o jogo extremamente divertido e não parei mais.

CRASE – Para quem começou a carreira no Beach Tennis em 2009, sua trajetória é meteórica. Como você analisa isso?

Vinícius – Comecei a jogar com frequência logo no início de 2009 e tive o prazer de ver o esporte crescendo tanto tecnicamente como em número de praticantes. No começo o jogo ainda era um pouco lento por aqui,

mas rapidamente eu pude perceber essa evolução, os saques mais fortes, a movimentação correta, a altura da bola. A partir daí tudo fluiu. Em 2009 participei de uma seletiva e contra todas as expectativas chegamos à final e jogamos pela primeira vez contra os Italianos. Logo fui convidado para jogar uma etapa do mundial em Aruba, foi muito gratificante jogar contra os caras que eu via só pela internet e principalmente ganhar dos italianos logo na minha primeira participação na copa do mundo por nações. Foi realmente alucinante!

CRASE – Os italianos possuem ainda a hegemonia do esporte. Você acha que isso se deve ao fato de terem inventado o esporte, por praticarem a mais tempo?

Vinícius – Os italianos têm a hegemonia e ainda vão ter por um bom tempo, talvez isso se deva ao fato de manterem o jogo ainda muito fechado. Embora haja muito *fair play*, dificilmente eles treinam com atletas de fora. Talvez a língua seja uma barreira importante a ser quebrada, mas mesmo os italianos que falam inglês raramente jogam com estrangeiros, mas garanto que este comportamento traduz um pouco de medo porque eles sabem que esta-

RAKKETTONE
RAKKETTONE
BRASIL

mos chegando perto e não querem revelar os últimos segredinhos que ainda restam. Estamos sempre beliscando ali na ponta só de estar assustando eu fico feliz.

CRASE – A diferença entre a estrutura presente na Itália e a que nós temos por aqui ainda pesa muito?

Vinícius – Demais, Ravena é uma província pequena, sua orla tem mais ou menos o tamanho da praia da Barra e eles contam com mais de 1.000 quadras. Como não ter o esporte desenvolvido? Outra vantagem é o tamanho do país. A "bota" pequena permite que os atletas se locomovam com mais facilidade nas competições nacionais e o incentivo é muito maior.

CRASE – E como você vê a evolução do Beach Tennis no Brasil?

Vinícius – Apesar dos esforços de todos os atletas para divulgar o esporte no país, sempre esbarramos nos mesmos problemas, nos obstáculos burocráticos, nas dificuldades em inserir nosso esporte em leis de incentivo fiscal que facilitam conseguir patrocínio... Isso por muitas vezes é muito frustrante.

BRASIL

Revista CRASE
Se você pudesse mandar um recado para os Italianos, qual seria?

Vinícius Font
Eu diria a eles para aproveitarem o seu reinado no Beach Tennis porque nós estamos chegando perto. Se em 3 anos já estamos assustando, em mais 2 poderemos tirar a coroa deles.

Créditos
Fotos: Diego Val

BRASIL
Ipanema

Olimpíadas 2012

por Lara Vergari

STRONGER
I ♥ MAMA

ESPORTE MUSICAL

Suplemento que nada, compre um ipod.

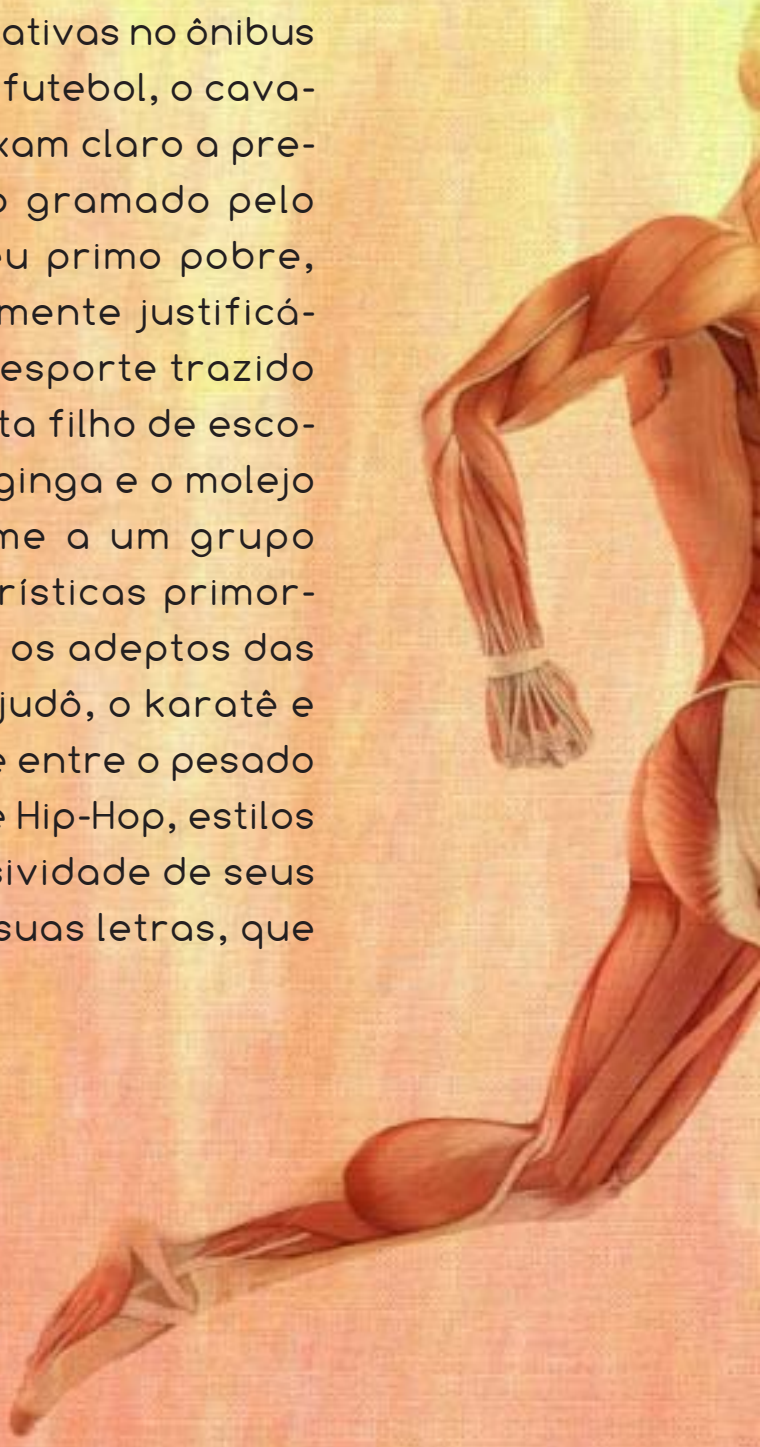
por Cadu Senra

Em tempos de Olimpíada, passar um dia inteiro sem ao menos ouvir um comentário sobre os resultados dos jogos ou como anda a classificação do quadro de medalhas é uma tarefa bem difícil. Afinal, a euforia com o desempenho dos atletas é grande, aflorando o senso de nacionalismo do brasileiro de forma avassaladoramente maior do que em época de eleição – algo que em nosso país dispensa explicações. O que pouco se discute, entretanto, é o que se passa na preparação dos atletas para as provas.

Por essa razão, a importância da musica como fator motivacional para os desportistas, que não deixam de elaborar playlists especiais para os treinos e competições é, na maioria das vezes, negligenciada pelo grande público. E a escolha do estilo de música que ajuda o atleta a alcançar seus objetivos, apesar de não constituir regra, varia de um esporte para o outro, pois seus praticantes parecem seguir um padrão quanto as suas preferências.

"Os benefícios da música não se limitam aos grandes atletas..."

Com presenças cativas no ônibus da seleção brasileira de futebol, o cavaquinho e o pandeiro deixam claro a predileção das estrelas do gramado pelo samba de cartola, e seu primo pobre, o pagode. O que é facilmente justificável pelo fato de que no esporte trazido para o Brasil pelo paulista filho de escoceses, Charles Miller, a ginga e o molejo – que inclusive dá nome a um grupo do estilo – são características primordiais para o esporte. Já os adeptos das artes marciais, como o judô, o karatê e o taekwondo, dividem-se entre o pesado Rock N' Roll e o marcante Hip-Hop, estilos que primam pela agressividade de seus ritmos e, por vezes, de suas letras, que



dão aos lutadores a faísca necessária para atropelarem os adversários no tatame.

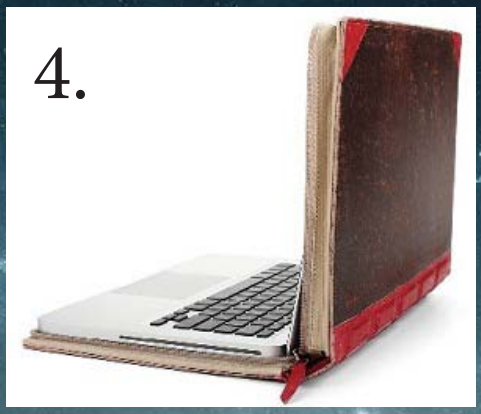
Segundo duas importantes instituições científicas, os benefícios da música para a prática de exercícios físicos não se limitam aos grandes atletas, eles também se expandem ao mundo dos reles mortais. De acordo com um estudo desenvolvido pela Universidade de Brunel, em Londres, a música aliada à prática aeróbica é um divisor de águas, quando se leva em conta os resultados a serem alcançados. A pesquisa, que foi realizada em academias de toda a Inglaterra, constatou que entre os frequentadores, aqueles que traziam seus aparelhos de mp3, mp4 ou iPods, obti-

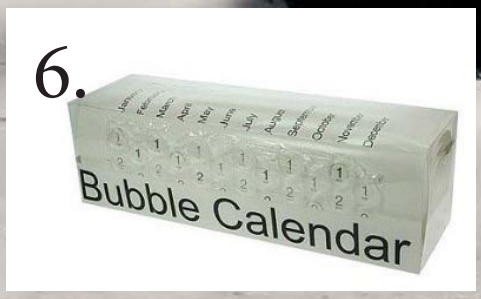
nham resultados até 15% mais eficazes do que os que nada ouviam.

Do outro lado do atlântico, nos EUA, membros da ACE (Conselho Americano de Exercícios) desenvolveram um estudo parecido na Universidade de Wisconsin. Além do que fora divulgado pelos colegas britânicos, eles descobriram que o Rock, o Hip-Hop, o Pop e o Funk – de James Brown, não o carioca – são os tipos de música mais aconselháveis para se ouvir ao malhar, dependendo sempre do gosto do praticante. O motivo é que ao ouvirmos músicas que nos agradam e cujas batidas são rápidas, nosso cérebro tende a achar o esforço físico cada vez mais fácil de suportar, aumentando nossa capacidade de concentração e, consequentemente, mantendo o nível de produção alto.

Então, a dica da CRASE para que seus leitores continuem saudáveis para poder desfrutar de nossas futuras edições por muito tempo é: capriche em suas playlists, pratique esportes ou qualquer tipo de exercício físico, e aproveite a vida. Afinal, se você se mantiver firme, quem sabe até 2016 você não se torna um atleta olímpico? ■

Gecko





1- Capa para iPhone 4/4S da prisão de Han Solo – R$ 32,25
2- Luz noturna portátil – R$ 154,23
3- Máscara Rorschach (movimentos originais) – R$ 70,60
4- Capa para notebook livro antigo – R$ 161, 33
5- Brincos poções de mana e vida – R$ 32,25
6- Calendário de Plástico Bolha – R$ 40,58
7- Miniatura de balista – R$ 50,32

MARACAN
O COLIS

por Ramon Lo

NÃ
EU
ourenço

A arte de manipular a opinião das grandes massas é tão antiga quanto a democracia. Há quase dois mil anos o mundo já conhecia um dos primeiros grandes artifícios utilizados para ofuscar a atenção pública das questões que realmente importam, o Coliseu.

Construído entre oito e dez anos para exibir grandes eventos, que variavam de apresentações teatrais à brutais combates de gladiadores, recriação de grandes batalhas, chegando inclusive a ser inundado através de um complexo sistema de aquedutos – lembrando que isso foi há quase dois mil anos atrás – para apresentações de batalhas navais. Sim, batalhas navais!

Contava com sofisticados elevadores por onde bestas selvagens eram levadas à arena para duelos de vida ou morte com o homem. Na verdade, não necessariamente se referindo ao macho da espécie. Em momentos onde a fome assolava a população, pão e outros tipos de alimentos eram distribuídos para a massa. Vale lembrar também que sua capacidade chegou a impressionantes noventa mil pessoas organizadas em quatro andares separando as classes sociais.

Enquanto o povo se distraía, venerava e comentava sobre o que ocorria nas arenas, batalhas eram travadas diariamente por políticos que abandonavam o interesse público, frequentemente chegando a assassinatos, eliminando quem se opusesse à seus objetivos.

Dois mil anos depois, com todas as mudanças que ocorreram na sociedade, o Brasil tem seu Coliseu, onde ferozes batalhas são travadas entre duas equipes de onze jogadores. Porém seus objetivos já nem são tão nobres como já foram, preferindo dinheiro à glória. O

Maracanã, situado na cidade do Rio de Janeiro, um dos maiores estádios de futebol do mundo, que não possui assentos de mármore, mas cadeirinhas nem um pouco luxuosas, a separação das classes sociais ainda é feita, porém através de camarotes vendidos a preços altos, mal possui elevadores para o uso do público, inundação apenas devido ao péssimo escoamento, entre tantos outros defeitos que assolavam a antiga estrutura do estádio. Agora é esperar para ver o resultado das obras.

Devemos considerar que se trata de uma cidade que, após tantos anos de "evolução" nos mais diversos âmbitos de uma sociedade, leva

mais de dez anos para terminar as obras da Cidade da Música, projeto tão pequeno se comparado ao Coliseu, mas que já deu tanta dor de cabeça à população, envolto em tantos escândalos e segredos, porém sem nenhuma punição.

Junto ao monumento, a corrupção por traz do Panis Et Circencis ainda ecoa na atualidade, alimentando de entretenimento um povo satisfeito de ignorância, enquanto o processo se repete, em um ciclo vicioso composto por uma sociedade que implora para não ser incomodada e por um governo que adora não incomodar, aproveitando cada oportunidade que possui de deixar a democracia cada vez mais cega. ■

Disseram

"É bem melhor pensar sem falar, do que falar sem pensar." - Jô Soares

"A história se repete. Esse é um dos horrores da história." - Charles Darwin

"Nada existe que a Arte não possa expressar." - Oscar Wilde

"Eu trocaria todos os meus amanhãs por um único ontem." – Janis Joplin

"O segredo do sucesso é saber algo que ninguém mais sabe." – Aristóteles

"Por mais longa que seja a caminhada o mais importante é dar o primeiro passo."
– Vinicius de Moraes

CRASE